

# **(IN) VISIBILIDADES DA TRADIÇÃO JAPONESA NO OLHAR DE TÁVORA**

Maria Teresa Caldeira Rodrigues de Mendonça Falcão e Távora



Departamento de Arquitectura, Curso de Mestrado Integrado em Arquitectura  
Dissertação realizada sobre a orientação científica do Professor Doutor João Belo Rodeia  
Co-orientação realizada sobre a orientação do Professor Doutor Jorge Croce Rivera



***à minha Mãe e ao meu PAI***

Eduardo José Montenegro de Mendonça Falcão *e Távora*  
Maria Teresa Martins Caldeira Rodrigues



“Se é possível admitir que esta viagem contribui para o crescimento e formação de Távora como arquitecto e professor, definição da sua individualidade. Muitas vezes o confronto com realidades tão diversas e opostas o levou a reflectir, elogiar, criticar e finalmente a tomar partidos.”<sup>2</sup>

2.Nuno Portas

“A sabedoria nipónica mostra exemplos significativos de como a arquitectura se integra à natureza e a natureza se encarrega de integrá-la. Que resultou em verdadeiras obras de arte” <sup>3</sup>

3.Issao Minami

“Devemos ter em conta que o Japão é um dos principais centros da arquitectura contemporânea.” <sup>4</sup>

4. Arquitecto Jorge Figueira

## AGRADECIMENTOS

*à minha MÃE e ao meu PAI*

Eduardo José Montenegro de Mendonça Falcão e Távora

Maria Teresa Martins Caldeira Rodrigues

por serem sempre *o meu pilar, o meu porto de abrigo e a minha felicidade*

às minhas queridas irmãs,

Bia, Maria Ana e Nini

à minha avó Arminda,

aos meus Tios, primos, avós e ao avô Paulo Távora (por suscitar ainda mais curiosidade na vida do grande Arquitecto Távora), com um agradecimento especial ao meu Padrinho Tio António

ao Valério Romão

aos meus amigos,

pelo carinho e paciência nas minhas grandes ausências dadas sempre pelo nome de dissertação.

1. aos Professores doutores,

Professor Jorge Croce Rivera

Arquitecto João Belo Rodeia

a todos que me apoiaram na viagem de investigação ao Japão, me acolheram, deram força para continuar a descobrir, a pedalar, a todos que nesta viagem contribuíram por alguma maneira ir-me tornando uma pessoa mais humilde, sensível e humana (tentando todos os dias, sendo estas lembranças o combústível)

aos entrevistados que ofereceram generosamente aulas de Architectura e Vida,

Arquitecto Bernardo Távora

Arquitecto Kengo Kuma

Arquitecta Marta Pedro

e tantos outros arquitectos, escultores e habitantes Japoneses, Portuenses... que partilharam as suas experiências, numa mais valia para esta investigação | a todas as pessoas que vou ouvindo diariamente que me mostram como pode ser dura e belo esta vida

*a DEUS* mesmo que não exista – escrito muito “baixinho” e cheio de dúvidas perante as teclas do pc - fez sempre parte do meu modo de existir, com altos e baixos mas uma âncora para mim poderosa e cheia de sentido ir

Ao Valério por ter sido um dos pilares importantíssimos nesta face.

Agradeço ao Tiago Cruz, Eduardo Oliveira, Maria Inês Raimundo, à Inês Rolim, à Ana Luís Alves, à Ana Salgueiro, João Alves, ao Sérgio Inácio.

Mais uma vez à minha família, pais, irmãs por me terem dado as forças necessárias, pela paciência constante que tiveram, pelo amor e amizade incondicionais.

Agradeço aos viajantes que fui encontrando ao longo destes anos a partilha das suas experiências, pelo acolhimento amável e pelo incentivo que me deram durante todas as viagens, principalmente esta Viagem de investigação, às dezenas de famílias e amigos que me acolheram no Japão.

1. Agradeço ao meu orientador, Arquitecto João Belo Rodeia, pela transmissão de conhecimentos, ao co-orientador Professor Doutor Jorge Croce Rivera, pela sua disponibilidade, paciência, acompanhamento e incentivo. Gostaria de agradecer ao Arquitecto João Soares por me ter encaminhado na escolha do co-orientador, pela primeira conversa sobre a dissertação, peço desculpa por escrito pela confusão na escolha do orientador. Agradeço à Professora Sofia Aleixo pelo ensinamento e pelas respostas de estímulo durante a viagem de investigação no Japão. Ao Professor Pedro Gameiro pelas aulas, ao Director de Curso Professor João Nasi, à D. Maria Manuela e D. Amélia Frango.

A presente dissertação de mestrado integrado não foi escrita segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

O formato da actual dissertação 18 x 18 cm tem por base a escala da medida de ½ Tatami ou dois Tatamis, variante da perspectiva relativamente à escala.

Medida de um Tatami horizontal 9m x 18m.

O formato foi pensado para representar metade de um Tatami, muito importante e comum no Japão para completar medidas.

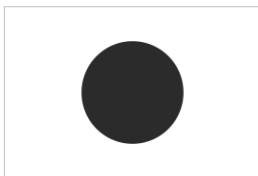


A natureza e a realidade construída por Távora ligam-se num desenho acertado, a companhia agora insubstituível do construído e do natural em Távora é a junção do acto instintivamente acertado e uma profunda reflexão sobre tal, resultando numa bela pauta melódica de natureza construída/natural, genuinamente sensata.

O seu ser constantemente insatisfeito, a ousadia das viagens, questões sem fim levantadas. Os problemas que despiram. A nudez dos seus projectos. A metamorfose entre o antigo e moderno bem resolvido. Penso-o assim, num tempo antigo, distante e diferente. Penso-o sentindo presente em nós, no nosso património na nossa educação. Com vontade de o conhecer, beber do seu saber, assim parti para o conhecer. E por de trás da textura fina das páginas por ele e dele escritas encontro um olhar sempre atento, culto, paternal, humano, docente, poeta, artista e arquitecto. Um olhar arregalado perante um mundo a desvendar. Sonhava de olhos abertos entre a realidade projectada e os ensinamentos passados, do seu entender devidos. Mas és tu, mestre de Siza e de todos nós, arquitectos incompletos, imperfeitos, frágeis, cheios de medos com vontade de aprender num tempo difícil de dar. Memórias de Távora relidas e aprendidas serão para mim papel de uma nova poesia, de uma aprendizagem enriquecedora. Imperfeitos mas na aprendizagem de Távora e do Japão essa imperfeição é subtilmente camuflada ao sentir da mesma sede de conhecer do mestre que jaz.



**ANEXOS**



Capital - Tóquio  
Governo Monarquia constitucional  
- Imperador Akihito  
- Primeiro-ministro Yukio Hatoyama  
Fundação Nacional \_ 11 de fevereiro,  
660 a.C.  
Constituição Meiji \_ 29 de novembro  
de 1890  
Constituição do Japão \_ 3 de maio de  
1947  
Tratado de S. Francisco \_ 28 de abril de  
1952  
Indicadores sociais  
- Gini (2002) 38,1[3] – médio  
- IDH (2007) 0,960[4] (10º) – muito  
elevado[5]  
- Esper. de vida 82,6 anos (1º)  
- Mort. infantil 3,2/mil nasc. (3º)  
- Alfabetização 99,0% (19º)  
Moeda Iene (¥ / 円) (JPY)  
Fuso horário +9 (UTC)  
Língua oficial: Japonês  
Densidade: 337 hab./km<sup>2</sup>  
População  
- Estimativa de 2007  
127.433.494 hab  
- Densidade 337 hab./km<sup>2</sup>  
Área  
- Total 377.873 km<sup>2</sup>  
- Água (%)



## ANEXO1

**FERNANDO TÁVORA**

**USA, 1960**

Abril, 9. Sábado

Dia grande! Uma bela manhã de Primavera. Às 9 e pouco estava a perguntar ao homem do Hotel o caminho para Taliesin. "Talvez tomando um bus para Spring Green...", o melhor é perguntar ali em frente. Lá fui aos bus. Sim senhor, às 10,45 e está às 11,54 em Spring Green. A viagem correu normalmente. A paisagem bonita, com grandes campos e colinas suaves.

Spring Green é uma pequena aldeia rural.

Quando saí do bus sabia apenas que estava em Spring Green, nada mais. Achei por bem dirigir-me ao edifício dos Correios, ali perto da paragem do bus. Perguntei à Senhora: "Pode dizer-me como posso ir a Taliesin?" "Tem de voltar para trás e atravessar a ponte nova, mas agora não está lá ninguém; eles ainda não voltaram". (A Senhora julgava que eu tinha carro e além disso que os queria ver). "Mas eu não tenho carro, não é possível alugar um táxi, ou ir a pé?"; "A pé? São umas 6 ou 7 milhas e táxis... não me parece possível..." Entrou então na conversa um homem de idade que depois soube ser o marido da Senhora (o Correio estava mesmo para fechar); o homem coçou o queixo e insistiu. "A Taliesin, mas o Sr. não vê nada e aqui não há táxis...; talvez numa garagem arranje alguém que o leve...". "Não tenho pressa, disse, queria almoçar primeiro e seguir depois; volto para Madison às 7 e tal, portanto tenho muito tempo". "Almoçar? Só se comer uma sandwich, ali (e apontou-me uma casa) porque aqui não há restaurantes... mas o mais difícil é ir a Taliesin..."; "...nem que eu tenha de ir a pé, vim de Portugal para ver Taliesin...". O argumento foi decisivo. O homem disse-me então: "Há-de-se arranjar transporte...". Neste momento parou um carro em frente ao Correio e o velhote deu-me um pequeno empurrão e disse: "Peça àquele senhor, talvez ele possa lá ir...". Cheio de coragem (a necessidade faz milagres)

avancei e perguntei: "Please Sir, are you going to Taliesin?" "I? Not now" e avançou sem me ligar importância. O velho então entrou em acção e contou-lhe a minha desdita; "Mas eles não estão lá, está tudo fechado" – "Mas eu tenho de ir..." – "Vá então almoçar e à meia hora eu vou buscá-lo ali". Dei um suspiro de alívio; se o correio fechava sem eu resolver o meu problema não sei o que seria de mim. Para "variar" comi "hamburger" e bebi um copo de cerveja e à hora combinada estava cá fora. O homem apareceu pontualmente.

Entramos no carro e eu contei-lhe com mais pormenor a minha história; "mostro-lhe tudo, conheço muito bem Taliesin e conheci Mr. Wright; trabalhei com ele algumas vezes..." "O caminho agora é mais longo porque construíram uma ponte nova e é preciso ir à "highway". Lá saímos de Spring Green, entramos na dita "highway" num percurso pequeno e metemos à direita; "aquela pedra foi ali posta há tempo por Mr. Wright, naturalmente para gravar alguma coisa, mas nada fizeram depois dele morrer...". "E pode ver-se o sítio onde ele está enterrado?". "Pode, está junto de uma pequena capela, eu mostro-lhe" – Fomos andando. Em certa altura o homem parou o carro e mostrou-me o sítio da velha ponte sobre o rio; "foi nesta estrada que morreu a filha de Mr. Wright, um desastre de automóvel, há anos; aqui (e centrou-me o lado oposto ao rio) Mr. Wright comprou uma "farm" e começaram a construir um edifício, creio que para um restaurante; ele queria construir sobre a estrada, mas "eles" não deixaram...".

Vi então a estrutura de um edifício que domina todo o rio e cuja construção deve estar suspensa já há tempo. "É possível que a "fellowship" acabe a construção. Eles querem continuar os trabalhos de Mr. Wright...".

Seguindo um pouco e ao fim de uns segundos eu via, cortando o ponto mais alto de uma colina, a casa de Wright; afastada, uma outra colina, mas situado na encosta, o conjunto de edifícios vermelhos (dum vermelho terra), de uma "farm". É um momento que não posso esquecer, o desse primeiro contacto com Taliesin. A paisagem sem ser grandiosa é grande e os edifícios sem serem grandes sentem-se perfeitamente na paisagem, sem, de qualquer modo, a desvalorizarem. A ideia de Taliesin como uma

construção desfez-se nesse momento no meu espírito; Taliesin é uma paisagem, Taliesin é um conjunto, em que é porventura difícil distinguir a obra de Deus da obra dos Homens. Devo dizer, além disso, que o sítio é duma beleza surpreendente...

Mas o Senhor não me dava tempo para pensar; vamos ver agora o sítio onde Mr. Wright está enterrado. Seguimos. Passamos pela entrada da casa, cá em baixo e vimos uma grande represa, água doce. "Quando Mr. Wright cá estava aquilo estava sempre cheio de água..." Metemos à esquerda e apareceu-nos então uma pequena capela, muito simples, com um campanário, construída em madeira. Paramos e o homem avançou. "Está aqui". Disse prosaicamente. Ao lado da capela vi então um pequeno cemitério. Mais próximo da entrada a campa de Wright: pequenas pedras limitavam um rectângulo envolvido por um círculo, construído do mesmo modo; num dos vértices do rectângulo nasce da terra uma pedra, igual a tantas daquelas que ele usou nos seus edifícios, de forma irregular, mas cuja secção aumenta à medida que se levanta; não sei se há qualquer simbolismo naquela pedra, eu permiti-me encontrá-lo. Atrás, uma pequena pedra, protegida por uma árvore, tem gravada esta inscrição:  
MAMAH BORTHWICK CHENEY

É o túmulo de MAMAH, a mulher assassinada e queimada em Taliesin que Wright enterrou naquele lugar.

Não longe outra pedra gravada: ANNA LLOYD WRIGHT / BELOVED MOTHER OF / FRANK,  
JANE AND MAGINEL / SHE LOVED THE TRUTH AND SOUGHT IT.

Ali repousa a mãe de Wright, a cuja família pertencera Taliesin. Afastada, uma coluna branca, tem inscrito o nome Jones, creio que o avô de Wright. A qui e ali mais túmulos de pessoas que, pelos nomes, se verifica pertencerem à mesma Família.

O sítio é extraordinariamente tranquilo e Taliesin vê-se ao longe.

Não escondo que as lágrimas me vieram aos olhos.

Mas o homem queria mostrar-me coisas...

"Vou agora mostrar-lhe outra quinta que Mr. Wright comprou..." . Lá fomos ver mais um conjunto de edifícios. Aí nem saímos do carro. Um dos edifícios tinha o toque do Mestre. Os outros eram tradicionais edifícios da região.

"Agora vou mostrar-lhe a escola onde eles trabalhavam..." voltamos para trás, passamos novamente pelo pequeno cemitério e metemos a um desvio; por todos os lados letreiros diziam "No hunting, no trespassing". "No visitors, closed until May", mas nós avançamos. O carro parou e eu como um louco avancei para o edifício, cuja localização aliás tinha pressentido da estrada; que dizer? Só posso dizer que fiquei maravilhado "Ali é o estúdio, ali atrás têm um teatro, vá e veja...". Fui e espreitei pelos vidros; Lá estava a conhecida sala de trabalho, tendo na entrada uma grande fotografia de Wright e um poema de Walt Whitman.

Espreitei o teatro; um biombo japonês, o balcão de Wright, o palco... tudo parado... nem viva alma... mas os espaços falavam com um impacto extraordinário. Contornei o teatro e encontrei um terraço debruçado sobre a pequena colina. Na escada que dá acesso à entrada do estúdio uma pequena escultura de Wright bate exactamente com o edifício. Não cuidei de ver pormenores mas pressenti em tudo uma riqueza de formas, dum à vontade que nunca encontrara na arquitectura contemporânea.

Senti-me na Idade-Média, na Grécia ou no México, na presença de uma Catedral, de um Panteon ou de um templo azteca, tal é a integridade daquela arquitectura. Vi o mais que pude. Mas o homem já estava dentro do carro com o motor a trabalhar...

Voltamos à estrada. "Quer ver outra casa, dum arquitecto que trabalhava com Mr. Wright e comprou aqui uma quinta?" Com certeza. Lá fomos. Um rico jogo de edifícios na paisagem, a nota de Wright por toda a parte.

"Aqui vamos ver aquela quinta perto da casa". Novamente no carro subimos a pequena encosta até à quinta. Num ou noutro pormenor, Wright lá estava. Quando descemos da quinta o homem apontou para outra encosta e disse: "Ali é a casa da irmã, também foi projectada por ele... mas está muito abandonada...". Não insisti para irmos lá, tão amável era o homem. Mas vi nesse momento, mais uma



vez e melhor do que nunca, o velho moinho, o Romeu e Julieta que Wright desenhara nos princípios da sua carreira...

Descemos. Sempre a paisagem magnífica, grande mas não desproporcionada, uma corde amarelo queimado em tudo...

"E agora a casa...". Passamos pela entrada principal mas ele achou melhor irmos pela entrada de serviço. Começamos a subir e por entre a vegetação comecei a descortinar planos vários de paredes e de coberturas lá em cima. Os avisos sucediam-se: "no visitors... no trespassing... no hunting... closed until May..."

Entramos num pátio de serviço, onde estavam vários automóveis. Saí, vi e fiz umas fotografias, mas não tive coragem de avançar.

Senti que já tinha compreendido Taliesin e estava emocionalmente extenuado.

Sentei-me no carro e disse ao homem: "é melhor não abusar". Cá em baixo a água corria, no topo de um muro por grandes tubos de grés colocados em fiada...

Eu estava realmente extenuado.

Vimos mais uma "farm" de Mr. Wright, despedi-me de tudo aquilo e voltamos para a aldeia. O homem tinha tomado conta de mim à meia-hora e deixou-me exactamente duas horas depois. Quando me deixou eu estava longe de mim e longe de tudo.

Resolvi sair da aldeia e avançar pelo campo. Tomei uma estrada poeirenta onde passava de vez em quando um carro.

Então chorei como uma criança... Taliesin não me saía (nem me sairá) dos olhos; até a cor do pó da estrada me lembrava Taliesin. Avancei pela estrada não sei até onde. Não podia pensar concretamente. Qualquer coisa se apoderara de mim. Sentei-me algures. Descansei.

Lágrimas várias: Notre Dame, Chartres, Cordova, Capela de Miguel Ângelo, – "olhos que nunca se molham mas vêem quando olham..." (Afº. Lopes Vieira).

Tinha razão o poeta: "olhos que nunca se molham não vêem quando olham". Naquelas duas horas eu tinha sofrido, estou certo, um dos maiores choques, talvez o maior da minha vida de arquitecto. Taliesin, disse já, é mais do que um edifício, uma paisagem; mas acrescento agora, Taliesin é também uma vida e uma filosofia. Eu compreendi Wright e o seu chapéu, compreendi as suas formas e o seu amor à terra, o seu pensamento e o sentido das suas coisas... . E ao sentir toda aquela vida de criação, tomei também contacto com outra realidade: a da morte do Homem no lugar do seu sonho.

Porque exactamente Taliesin impressionou-me pelo que possui de total, de cósmico, pelo que existe ali para além da pedra, da madeira, deste ou daquele requinte da forma.

Tudo se esquece ali de accidental da vida de Wright: os seus caprichos formalistas, a sua vaidade, o custo das suas obras, os seus automóveis, as suas pequenas coisas do dia a dia; tudo esquece a quem vir Taliesin como eu tive a oportunidade de ver e Taliesin aparece então com a força de uma rocha, a beleza de uma flor ou a calma de um lago.

Taliesin, além de me fazer chorar durante as primeiras reacções, obrigou-me a pensar muito. Um dia ouvi o Sr. Giedion dizer com um sorriso, a propósito da "famigerada" integração das artes, que "Mr. Wright afirma não existir para ele tal problema porque ele é pintor, escultor e arquitecto". Estou convencido que a integração das artes pela qual a entendem os funcionalistas é coisa estúpida (O Harvard Graduate's Center é mais uma prova evidente) e estou convencidíssimo de que Wright resolveu o problema como foi resolvido aliás nos velhos tempos, onde começa a arquitectura e acaba a escultura ou a pintura nos edifícios de Wright? E onde acaba a arquitectura e começa o paisagismo ou o urbanismo? Ninguém sabe.

Este homem consegue nos seus edifícios integrar as artes como o fizeram os góticos, por exemplo, e veio provar-me de que é possível (embora com génio) resolver o tal dilema a que já me referi neste diário: dum lado, o funcionalismo mais ou menos prosaico nas arquitecturas, e do outro os museus cheios de pinturas e de esculturas mais ou menos modernas.

E Taliesin é também uma lição no que respeita à prisão dum edifício aos valores naturais e humanos. Ali uma família e um Homem presos a uma terra, um conjunto de edifícios nascendo duma paisagem, a tudo presidindo um pensamento e uma forma. Ali uma força enorme liga coisas e seres. E pensar eu que vi um templo indiano e uma casa de chá japonesa no Museu de Philadelphia e claustros românticos em Nova York!

O poder de integração em Taliesin é tão forte que chega a ofender-se Deus pensando que Wright também foi o criador daquela paisagem!

Vi muita coisa na América até hoje: desde as melhores Racket Girls do mundo, até à altura do Empire State, vi estatísticas e números e cadeias de montagem, vi edifícios e arquitecturas, vi museus e planos e planos, vi highways e prosperidade por todo o lado: mas a poesia, a humanidade e a grandeza, só as encontrei em Wright. Tudo o que vi compreendi pela inteligência; aqui o pouco que vi permitiu-me sentir tudo sem nada me ter sido explicado.

Os edifícios de Taliesin não são crianças em idade; alguns terão os trinta ou quarenta anos, o que aliás o seu estado de conservação deixa adivinhar, no entanto, mesmo que estivessem em ruínas, conteriam ainda um grande poder de expressão, como vi monumentos do passado; o que seria uma ruína da Vila Savoie ou uma ruína do Seagram Building? O tempo em Taliesin joga a forma da arquitectura e da paisagem, o que creio não acontece em 90% da arquitectura moderna.

Vi há tempos a casa de Gropius em Lincoln: quando vi Taliesin, a casa de Gropius pareceu-me um frigorífico pousado numa colina!

Não há dúvida que o Zevi tem razão: o Sr. Giedion enganou-se, ao pôr Wright no princípio e Le Corbusier no fim do seu livro; foi um pequeno engano... de pôr tudo ao contrário. E o mundo sente, todos nós sentimos (e eu chorei por isso mesmo) que me falta qualquer coisa, que a máquina está perturbada, que o caminho não é exactamente este e que os anos passam... Estamos a fazer uma arquitectura de “esqueletos decorados”; e Wright conseguiu criar organismos.

Quem se atreve a discutir a forma de um dedo, a cor de uma flor ou o bico de um pelicano? São assim... porque são assim.

É isso que nós precisamos de fazer em lugar de andar a vestir esqueletos com pinturas e esculturas ou a apresentar os esqueletos em pêlo como se um animal fosse apenas o seu esqueleto ou a qualidade dum vinho pudesse apreciar-se pela fórmula química que o representa...

Está tudo doido.

Enfim isto é um pouco, muito pouco, do muito que meditei sobre Taliesin.

Lá repousei pelos campos desse Wisconsui que ele tanto amara e pelas cinco horas voltei a Spring Green. Comi alguma coisa (o mesmo hamburguer, idêntico copo de cerveja) e vim para a estrada esperar o bus.

Estava já mais calmo mas longe ainda de estar calmo. E tão aéreo ainda que o bus passou e só quando passou é que lhe fiz sinal para parar. O homem ficou zangado e parou muito longe porque vinha largadíssimo.

Enfim cheguei a Madison perto das 8 da noite.

O dia tinha sido extraordinariamente forte. Quando me deitei ainda as pernas me tremiam e ainda os olhos estavam molhados.

**(Soube hoje, 11 de Abril, que no dia 9 em que visitei Taliesin fazia exactamente um ano que Wright morrera; talvez por isso mesmo a sua presença era tão forte neste dia...).**

## A PROPÓSITO DA ARQUITECTURA DE FERNANDO TÁVORA

1. Visito o Convento de Refóios. A grande massa de construção, bem no centro da paisagem; um detalhe de uma paisagem subordinada ao uso e à glorificação da terra.

Um curso de água orienta e serve a divisão dos campos. Torna-se arquitectura. Procura o fogo, introduz-se no convento.

Uma brisa silenciosa cruza os pátios, percorre os alinhamentos de portas, agita as copas das árvores e os cortinados dos salões.

Alguns operários movem-se como actores em cena. Vestidos de branco, raspam os rebocos; queimam os nós de madeiras antiquíssimas, abrem as marmitas do almoço.

2. Novos edifícios desprendem-se do convento. Distanciam-se como alguém que procura ângulo e olha a montanha. Hesitam, angulam, procuram o sítio exacto. Repousam sobre caboucos definitivos.

A relação é quase tensa; dessa tensão nasce o Lugar.

3. É difícil conquistar um Lugar novo. É necessário cruzar o curso de água e este faz-se soleira, submete-se e oferece um novo tanque.

Este tanque é pedra de fecho de um Espaço.

A brisa prolonga-se, o curso de água continua, fecunda os campos.

Um fogo novo ilumina a antiga cozinha.

4. Regresso e início um texto. Pretendo escalpelizar a ideia de um projecto; relacionar soluções com outras de F.T. e de outros, revelar as coisas escondidas, desnudar o corpo construído, quebrar o silêncio do vale e transformá-lo em literal pedagogia.

Como numa autópsia, falo de um cadáver.

5. A pedagogia de F.T., não tem a ver com modelos, respostas sistemáticas, know how. Não exclui ferramenta. Mas tem a ver com humana condição, abertura, prudência, compreensão, permissividade por vezes, dúvida, vontade, intransigência.

Um leque de contradições a que não bastam os 180°, do qual nascem lições de Arquitectura.

6. A ideia do projecto já aí estava, recortada contra o convento, contra a montanha. Projectar é captar, o momento exacto, uma ideia perturbadora e errante – e repor a serenidade.

Rasgo a folha de papel.

7. Existe uma Arquitectura que se impõe de imediato e a quase todos, agradando ou não. Pode ser de grande ou de pequena dimensão. Relaciona-se com o que a envolve – construções ou natureza – ou não. Um razoável fotógrafo capta o que parece ser. Pode ter qualidade ou pode ser gratuita. Quando a apreciamos profundamente, numa outra visita ou numa outra época, já não nos diz nada, ou pouco. Ou diz outras coisas, se não é gratuita – e então alcança o silêncio da beleza.

Existe outra Arquitectura que impressiona menos, e menos gente.

Pode ser de grande ou de pequena dimensão. Relaciona-se com tudo o que a envolve, ainda que tal não seja aparente, ou evidente, ou por razão de forma. Pode ter qualidade ou não; raramente é gratuita, ou nunca. Pode ser modesta, se para outra presença não existe razão; ou difícil, mas não por imodéstia.

Essa arquitectura habita o mundo de simplicidade de magia a que pertence uma igreja românica, perdida entre o milho dos campos do Minho; ou as favelas nascidas da miséria; ou a casa de Luís Barragan; ou um monte alentejano que ninguém conhece, os arranha-céus de Nova Iorque nunca estudados; ou a casa de Tzara de Loos; ou o Pátio Vermelho de Fernando Távora. Obras por igual de Autor.

8. A gestação de uma obra de Autor está para além da tipologia. Nem sempre o Autor é um arquitecto (falando dos contemporâneos, pois noutros tempos não existia tão corporativista condição – nem hoje, se atendermos ao que acontece).

O autor constrói movido pela emoção e movido pela necessidade, seja erudito ou seja popular (se alguém assim entender) o que faz e como o faz.

Constrói igrejas, palácios, casas de favela. A emoção não compreende prioridades, ou hierarquias. Quanto à necessidade: essa pode ser larga, universal; ou pode nascer da resistência, do desejo de (sobre)viver – o mais universal dos desejos.

A arquitectura que não corrói nasce da capacidade de emoção. E essa, sem dúvida, é uma capacidade universal.

# Fernando Távora

\*1923

**1973–76, CONVERSION  
GUIMARÃES (P)**



## MAIN WORKS AND PROJECTS

**1958–60** Cedro primary school, Vila Nova de Gaia (P)  
Restaurant and fuel station, Seia (P)

**1964–71** Chapel and pavilion of Nun'Alvres Institute, Santo Tirso (P)

**1968–73** Apartment block, Oporto (P)

**1975** Project for the renovation of block QIII, Barredo district,  
Oporto (P)

**1983** Urban intervention project, Avenida Almeida Ribeiro,  
Macau (P)

**1987–93** Polytechnic Institute of Viana Do Castelo, Ponte De  
Lima (P)

**1988–93** Renovation and extension of the Soares Dos Reis National  
Museum, Oporto (P)

**1991–99** Coimbra University, Coimbra (P)

**1993–97** Renovation of Plaza 8 De Maio, Coimbra (P)

**FERNANDO TÁVORA** was born in the Portuguese city of Oporto on 25 August 1923. His father was José Ferrão, who was a member of the Lusitanian fundamentalist movement, the political expression of the Miguelist line. Despite his family's doubts, the young Távora became involved early on with the arts. He became friends with Santos Simões, the future scholar of azulejos, studied art history under Arode Lacerda, took private lessons in watercolour painting with Joaquim Lopes, and discovered the work of the architect Raul Lino, the main exponent of the Casa Portuguesa movement.

Távora's education, which he himself has described as 'classical', was soon further enriched by a knowledge of contemporary art, including the latest international developments, which was unusual in Portugal at the time. Particularly important in this respect was his relationship with Carlos Ramos, who was both a teacher at the Escola de Belas Artes de Porto or ESBAP (Oporto School of Fine Arts) from 1940 to 1969 and the founder of the National Organisation of Modern Architects (ODAM). Távora enrolled at the ESBAP, graduating in architecture in 1952, and through Ramos began to discover contemporary international architecture, especially Le Corbusier and the Brazilian architecture of Lucio Costa and Oscar Niemeyer. This happened in a climate described by Távora himself as a moment of great intellectual confusion, still dominated by traditional values, but ready to question the moribund, pseudo-authentic

istic re-reading or as a confirmation of the eclectic positions expressed by Cassiano Branco in the manifesto-like *Portogallo dei Piccoli*, but as a recognition of the values of functionality and coherence, in line with the positions of Keil do Amaral or Raul Lino, and more indirectly of Gabriel Pereira, Fialho de Almeida and Dom José. Távora's study led to the publication in 1947 of his celebrated essay *O problema da casa portuguesa* (in *Cadernos de Arquitectura*, no. 1, 1947). In the same year *Cadernos de Arquitectura* also published an article by Keil do Amaral, suggesting the need for a scientific study of the Portuguese architectural tradition. The idea was only turned into reality in 1955, with the survey *Inquerito da arquitectura popular portuguesa*. Led by Amaral himself, the survey was extremely varied in terms of methodology and ideology. Távora's role in the project, which had the direct backing of Salazar, was as the director of the group responsible for the Minho region. For Távora, the research into Portuguese tradition merged with his continuing experience of international architecture and with highly original experiments, giving rise to what he defined as the 'third way' – an architecture that goes beyond both local tradition and internationalist abstraction and formalism.

From 1951 up to the Otterlo meeting, Távora took part as Portugal's representative in the meetings of the CIAM, during which he discovered affinities outside his own country: the Le Corbusier of Chandigar, undoubtedly different from the Le Corbusier he had discovered through

'tradition' of Portuguese architecture supported by the Salazar regime, which culminated in the Universal Exposition of Lisbon in 1940.

Távora's immersion in and burgeoning contribution to both Portuguese and international architecture was precocious. At the age of 21 he began a study of the traditional Portuguese house, intended not as a styl-

Ramos and Viana de Lima, the research into the Catalan house of Coderch, Rogers' Velasca Tower, the architecture of Gardella, the writings of Zevi, and TEAM X.

Another important stage in Távora's development was the long study trip he undertook in 1960 thanks to grants from the Calouste



Curiosidades:

sakaki:

De acordo com um texto Shinto do séc. VIII, sakaki, a árvore sagrada, terá desempenhado um papel importante na história japonesa da Criação.

Segundo a lenda, Amaterasu – Deusa do Sol e suprema divindade do shinto era filha dos criadores das ilhas do Japão. Nasceu do olho esquerdo do seu pai, tornando-se na Deusa Celestial de quem a Família Imperial Japonesa reclama descendência. O seu irmão, Susano – Deus da Tempestade – que era indisciplinado, foi enviado para governar os mares, mas não sem antes ofender a sua irmã quando lhe destruiu os campos de arroz e defecou no seu palácio.

Amaterasu mergulhou o mundo na escuridão quando se refugiou numa gruta, vedando a entrada com um rochedo. Oitocentos deuses tentaram todos os seus esforços para aliciar a deusa a de lá sair, restaurando assim o ciclo dos dias e das noites. Colheram uma sakaki com quinhentos ramos do celeste Monte Kaga; nos seus ramos mais altos, penduram um colar de quinhentas jóias; nos ramos intermédios, um espelho de quase dois metros e meio de altura; e nos ramos mais baixos, dispuseram oferendas. Veio Amenozone, uma deusa celestial, vestida de musgo, galhos de sakaki no cabelo e um bouquet de folhas de bambu. Realizou uma dança provocativa, que tanto agradou os deuses reunidos que se desfizeram em gargalhadas. Amaterasu, curiosa pelo entusiasmo dos deuses e pelo rumor de estar fora da gruta uma deusa mais ilustre do que ela, espreitou e viu o seu reflexo no longo espelho pendurado na sakaki. Fascinada pela visão, sai finalmente do seu esconderijo. Rapidamente, os deuses atiraram uma corda sagrada – shimenawa – para prevenir a porta de se voltar a

fechar e esconder Amaterasu. Assim foi restaurada a luz, tanto na Terra como no Paraíso. (*in*  
*COLLCUTT, Martin, JANSEN, Marius, KUMAKURA,*  
*Isao, Japão – O Império do Sol-Nascente, Círculo de Leitores, 1989, p.50 e*  
*[http://www.botgard.ucla.edu/html/membgnewsletter/Volume5number2/](http://www.botgard.ucla.edu/html/membgnewsletter/Volume5number2/Sakakisacredtreeofshintoh.html)*  
*[Sakakisacredtreeofshintoh.html](http://www.botgard.ucla.edu/html/membgnewsletter/Volume5number2/Sakakisacredtreeofshintoh.html)*)